

# RAÍZES E FRONTEIRAS



A luta de camponesas pelo  
retorno à terra no Acre

Música de Abertura	
Ana Laíde	saudação espontânea a Ana Laíde  Eu sou a Ana Laíde Barbosa e te convido a embarcar rumo à Amazônia e conhecer a vida das pessoas que aqui possuem raízes e enfrentam as fronteiras que limitam o bem viver.

Sobe música de abertura	
Ana Laíde	No terceiro episódio de Raízes e Fronteiras, agricultoras e extrativistas acreanas que viviam na Bolívia contam sobre a conquista do direito à terra no Acre.
Mulher 1	Nasci e me criei na Bolívia. Mas sou brasileira, nunca tirei documento boliviano.
Ana Laíde	O estado do Acre faz fronteira com os departamentos de Pando, na Bolívia, e Madre de Dios, no Peru. Esta faixa fronteiriça é habitada há 150 anos por nordestinos que, na Amazônia, se transformaram em seringueiros.  Ali constituíram família, mas em busca da borracha derivada do cauchy, o “leite da seringueira”, adentraram em territórios bolivianos. Para quem é da floresta, as fronteiras não são limite.
Mulher 2:	Talvez meu pai tava achando ruim no brasil e foi procurar melhorar. mas não deu, foi pior (risinhos timidos) pq lá nós não tinha nada não. Só dava pra comer mesmo. Nós sofremos muito (risinho) só trabalhava pros outro na Bolivia, nós não tinha direito em nada, plantava mas tudo era deles, nós não tinha lugar não. Era pra eles, trabalhava nós não tinha lugar pra viver.
Ana Laíde	Viver na faixa fronteiriça da Bolívia, sem terra, sem trabalho e tendo apenas o que comer, ficou ainda mais difícil a partir de 2007.  O governo de Evo Morales fez valer o que está na constituição boliviana, isto é, que estrangeiros não podem morar numa faixa de 50 quilômetros da fronteira.  Além disso, a taxa que os estrangeiros pagam para residir na Bolívia passou para 800 reais anuais por pessoa.
Mulher 2	Estava tudo difícil pra brasileiro lá. Aí nós se reunimos, só entre mulher mesmo, fomos pra Brasileia lá com o INCRA
Ana Laíde	Um grupo de mulheres que sonhava em voltar para o Brasil, foi a pé por mais de 50 quilômetros, do lugar onde viviam na Bolívia até Brasileia, a cidade mais próxima da fronteira, para exigir um pedaço de terra do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, o INCRA:
Mulher 3	E eu sabia que o Incra era reforma agrária e que ele mais do que

	ninguém poderia dar um lugar pra mim criar os meus filhos. Então aí fomos pra sede o Incra, 9 mulher, 10 comigo. Eu acho que na faixa de umas 8 crianças.
Mulher 2	Aí eles quiseram puxar pra trás, mas nós não demos a chance pra eles não, fiquemo lá mesmo, no meio do sol quente.
Mulher 3	Mas eu falei: a gente está aqui pacificamente só tá atrás dos nossos direitos que eu sei que eu tenho, sou brasileira, não posso estar na Bolívia, não tenho como pagar esse imposto e pra onde eu vou? É pra cá. Daqui eu não saio e só Deus me tira.
ANA Laíde	Mais mulheres, crianças e homens uniram-se ao grupo. Ao fim de quatro meses, 79 famílias estavam acampadas em frente a sede do INCRA, em Brasileia.  Moradores da cidade, prefeitura e o próprio Incra apoiavam o grupo com mantimentos:
Mulher 3 -	Aí passei pelo Incra pra dizer pra eles vim deixar cesta pra nós. Quando eu cheguei lá o chefe do Incra falou assim: tu vai voltar agorinha lá no acampamento e vai me ajuntar 12 homens pra medir tuas terras. Aquilo ali pra mim foi... Eu não sabia se eu chorava, se eu gritava, eu não sabia, eu fiquei sem palavras.
Ana Laíde	A mobilização garantiu um pedaço de terra para 46 famílias no Projeto de Assentamento Tupá, no município de Xapuri, no Acre.
Mulher 3	Ainda passamos um ano debaixo de uma lona e no meio da mata. O governo federal através do Incra, cada 15 dias mandava cesta básica pra nós, - e quando eles não trazia eu ia atrás.
Ana Laíde	Mas é preciso ter condições para permanecer na terra:
Mulher 3	A nossa dificuldade é porque realmente a hora que a gente precisa do governo muito ele não nos ajuda. O governo não nos ajudou com água até agora estamos esperando, desde 2009. Mas eu mando carta por governador, não sei se ele lê ou joga dentro do lixo, mas não é por isso que eu vou me calar não, vou continuar insistindo.
Ana Laíde	Também é preciso ter acesso ao crédito familiar subsidiado, infraestrutura, assistência técnica rural e alternativas de comercialização do que é produzido.  Existir com dignidade no campo e na floresta é ter direito à políticas públicas como educação, saúde e cultura.

	<p>Portanto, a reforma agrária é uma pauta urgente na luta contra a fome, as desigualdades, a exclusão social, a injustiça e a criminosa apropriação de terras públicas na região amazônica.</p> <p>Com direitos garantidos as famílias camponesas permanecem na terra.</p>
Mulher 1	Ainda fico com dó destas pessoas que vendem suas terras, que vai pra cidade, com seus filhos... porque o lugar pra gente morar trabalhar é aqui.
Música Encerramento	
Ana Laíde	<p>A produção de Raízes e Fronteiras é da Universidade de Strathclyde em parceria com a Rede Social de Justiça e Direitos Humanos.</p> <p>Agradecemos a todas as pessoas que participaram neste episódio.</p> <p>Eu sou a Ana Laíde Barbosa e na próxima semana a gente se encontra para falar das dificuldades que as haitianas, venezuelanas e senegalesas enfrentam em busca de reconstruir a vida na amazônia brasileira.</p>